

Sobre a influência do clima e dos costumes na saúde da população de Moçambique, nas primeiras décadas do século XIX, segundo observações de um médico e de um religiosoAna Paula Wagner¹

Resumo: No século XIX, estavam em voga no campo das ciências médicas as idéias neo-hipocráticas, que relacionavam as condições ambientais com o estado de salubridade/insalubridade dos lugares e com a saúde da população. Do mesmo modo, existiam interpretações das enfermidades como um fenômeno social, onde fatores como a pobreza, a má alimentação, a falta de moral, entre outros, eram considerados na explicação de determinadas doenças. Ou seja, estabelecia-se uma conexão entre o homem doente, a natureza e a sociedade. Nosso objetivo nesta comunicação é apresentar e discutir as observações de dois autores sobre a influência do clima e dos costumes no desenvolvimento das enfermidades ocorridas em Moçambique. O primeiro deles é o médico italiano Luís Vicente de Simoni, que atuou como físico-mor no Hospital Militar da Ilha de Moçambique entre setembro de 1819 até 1821. Por ocasião da sua estada na África Oriental escreveu o *Tratado Médico sobre Clima e Enfermidades de Moçambique*, texto aqui estudado. O segundo autor é o frei português Bartolomeu dos Mártires, nomeado para ocupar o principal cargo da Prelazia de Moçambique e Rios de Sena, tarefa cumprida entre os anos de 1819 e 1828. Da produção do frei, analisamos a *Memoria Chorografica da Província ou Capitania de Mossambique na Costa d'África Oriental conforme o estado em que se encontrava no anno de 1822*. Esses textos, redigidos na década de 1820, inserem-se num esforço científico executado por muitos indivíduos ao longo do século XIX, empenhados na construção de tratados sobre a saúde pública e que permitiram a emergência de um discurso higienista para a época. Os escritos do médico e do religioso refletem as visões de homens europeus sobre um território colonial, portanto, fortemente marcado por valores etnocêntricos. Todavia, cada um deles, a sua maneira, acabou lançando um olhar sobre a sociedade moçambicana. Um olhar que, devidamente contextualizado, permitiu observar práticas e características particulares da população que vivia na África Oriental Portuguesa. Em meio às anotações sobre situação geral de insalubridade do país, pode-se obter informações sobre práticas cotidianas, como os hábitos alimentares, o uso de vestimentas, a realização de atividades de lazer, entre outras. Além disso, esses dois autores fizeram distinções sobre os diferentes grupos populacionais que viviam em Moçambique, possibilitando identificar o caráter heterogêneo da sociedade. Assim, a partir dos textos desses indivíduos procuramos trabalhar com duas questões complementares: a primeira delas foi sobre o debate científico das primeiras décadas do século XIX, que versava sobre a influência de determinados fatores na saúde da população; e a segunda, foi a construção de um quadro que tornou conhecidos alguns aspectos da sociedade moçambicana. Esta pesquisa é financiada por Fundos Nacionais portugueses, através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, do Governo da República Portuguesa, no âmbito do projecto HC/0121/2009, “Tratado Médico sobre o Clima e Enfermidades de Moçambique”, coordenado pela Dra. Eugénia Rodrigues, do Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.

Palavras-chave: medicina; saúde, clima; costumes; Moçambique; século XIX.

Em 1819, chegavam em Moçambique dois indivíduos que, entre outras tarefas desempenhadas naquela província, se dedicariam a escrever sobre o território em que se encontravam. Um deles foi Luís Vicente de Simoni, nomeado para ocupar o cargo de físico-mor no Hospital Militar da Ilha de Moçambique. Simoni nasceu em Genova e, pela Universidade daquele lugar, formou-se em medicina. Em julho de 1817, ele veio para o Brasil e passou a atuar como médico no Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro. Em 1819, parte para Moçambique e permanece por lá até setembro de 1821. Depois disso, ele retorna para o Rio de Janeiro e fica no Brasil até o seu falecimento, em novembro de 1881. Durante sua experiência no cargo de físico-mor, Simoni fez anotações e registros dos casos médicos que cuidou em Moçambique e posteriormente, já no Rio de Janeiro, escreveu o *Tratado Médico sobre Clima e Enfermidades de Moçambique*, um dos textos aqui estudado.²

O segundo foi frei Bartolomeu dos Mártires. Nascido em Sandomil, Portugal, religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, da província do Rio de Janeiro. Em dezembro de 1812, foi eleito Bispo de São Tomé. Anos depois, em novembro de 1818, foi nomeado para ocupar o principal cargo da Prelazia de Moçambique e Rios de Sena. Ele chegou na província em setembro do ano seguinte e tomou posse naquele mesmo mês. De acordo com as informações conhecidas até o momento, o frei faleceu em 1828, na ilha de Moçambique, em razão de enfermidades. Por ocasião da sua temporada em Moçambique escreveu o texto *Memoria Chorografica da Província ou Capitania de Mossambique na Costa d’Africa Oriental conforme o estado em que se encontrava no anno de 1822*.³

Enquanto o *Tratado Médico* é mais específico no que tange os diferentes aspectos que interferiam na saúde/enfermidade da população moçambicana, a *Memoria Chorografica* é um texto mais amplo, não sendo a proposta do seu autor abordar apenas esta temática. Nos escritos do frei é possível encontrar descrições sobre a geografia dos lugares, sobre as edificações (igrejas, conventos, hospital, casa dos habitantes, etc), traz informações sobre o governo civil e eclesiástico, apresenta algumas características da população, como religião, usos e costumes, dedica um artigo inteiro do texto ao comércio (interno e externo da província), além de escrever sobre a navegação.

No caso da obra de Bartolomeu dos Mártires aqui analisada, é possível considerar que ela estava mais próxima da tradição do século XVIII, onde textos, como “diários de viagens filosóficas, descrições, memórias, cartas, notícias e relações”, eram produzidos também com um caráter científico, almejando um esquadramento dos territórios, em especial, dos territórios coloniais. De acordo com José Roberto Braga Portela, em relação ao Império Português, quando os textos não eram feitos por encomenda, uma boa parte deles era provocado “por um desejo do autor em ‘mostrar serviço’, ou ainda como forma de cair nas graças de algum patrono a quem eram dedicados. Outras vezes, eles estavam voltados ao mundo acadêmico e produzidos especificamente com o objetivo de serem veiculados nos ‘periódicos científicos’ da época”.⁴

A partir de 1819, os destinos de Mártires, então com 55 anos, e de Simoni, com 27 anos, se entrecruzaram durante o tempo em que permaneceram em Moçambique. Além de seus interesses particulares de escreverem sobre a África Oriental, eles acabaram se enfrentando e criando uma séria inimizade. Num episódio da vida política, que refletiam as questões da revolução liberal de 1820, Simoni foi afastado do cargo de físico-mor do hospital. Em linhas gerais, o quadro era este:

em junho de 1821, um movimento de oficiais militares, com o apoio da câmara da ilha de Moçambique, depôs e prendeu o “despótico” governador-geral João da Costa Brito Sanches. À semelhança do sucedido noutras colônias, foi constituída uma junta governativa, chefiada por Frei Bartolomeu dos Mártires, bispo de S. Tomé e, então, prelado de Moçambique. Médico e bispo mantinham uma pública animosidade, patente nas obras que ambos escreveram sobre a colônia. Eventualmente pelas

inimizadas granjeadas ou pelas relações de proximidades mantidas com o governador-geral, Luís Vicente de Simoni foi coagido a abandonar o cargo, antes de completar o triênio do provimento.⁵

Em razão desse episódio, Simoni e Mártires passaram a se atacar mutuamente, o que também ficou registrado nos textos que cada um escreveu. Na *Memoria Chorografica* o frei se referiu desta maneira ao seu inimigo: “Há um físico-mor e alguns cirurgiões, que no tempo presente não levam vantagens aos barbeiros de aldeia: muita gente prefere curar-se antes com os curandeiros cafreanos, que entregar-se nas mãos destes dignos discípulos do Doutor Sangrado, e de Gil Blas, que não deixam criar ferrugem na chave do cemitérios”.⁶ Esse trecho, explicita o desejo de Mártires em desqualificar as ações de Simoni no cuidado com a saúde da população moçambicana. Além disso, também mostra a erudição do frei e o seu conhecimento de literatura ao fazer menção a obra *Historie de Gil Blas de Santillane*, escrita por Alain-René Lesage entre os anos de 1715 e 1747. Através da personagem “Doutor Sangrado”, Lesage faz uma crítica direta à classe médica sua contemporânea. Evaneide Araújo da Silva, num estudo dessa obra, explica que

Dr. Sangrado é um médico que se destaca pelo seu método inusitado de tratar os pacientes: ele receita sangrias e água quente a todos os doentes. Através desse jeito nada profissional de tratá-los, evidencia-se sua completa ignorância em relação à profissão que exerce. Através de Sangrado Lesage dirige-se ironicamente aos métodos medicinais de então, que baseavam o exercício da profissão apenas na prática diária sem maiores preocupações com estudos científicos.⁷

Ou seja, a relação que o frei estabelece entre o físico-mor e o “Doutor Sangrado” evidencia as críticas dirigidas à prática médica de Simoni.

Por seu turno, Simoni também endereça farpas ao frei no *Tratado Médico*, particularmente sobre o episódio político que envolveu o afastamento do governador-geral de Moçambique. Primeiro, o médico argumenta que os “bispos prelados” (nesse caso, o uso do plural foi para deixar o texto menos direto) acabam se tornando “figurões que querem liderar, e fazer sombra aos Governadores, e com os quais sempre andam em rixa, e promovem a intriga, e a desordem, animando e protegendo partidos contra o Governo”. Já se referindo no singular, diz que “esta autoridade eclesiástica”, no caso o frei Bartolomeu dos Mártires, não era somente “prejudicial ao governo” da província, mas era considerado por Simoni “inútil à religião e pesado ao estado”. É com indignação que, em outro trecho, o médico escreve que “o mesmo Dom Frei Bartholomeo dizia que os Generais eram seus súditos, porque ele era um príncipe da Igreja”.⁸

Todavia, embora médico e frei estivessem inseridos nesse ambiente de animozidades, quando ambos escreveram sobre a influência do clima e dos costumes na saúde da população de Moçambique, eles produziram um discurso muito parecido. O que será visto a seguir.

Moçambique: “hum paiz considerado como pestilento e mortífero”

As observações feitas pelo médico e pelo frei apresentadas a seguir, sobre a influência do clima e dos costumes no desenvolvimento das enfermidades ocorridas em Moçambique nas primeiras décadas do século XIX, estão inseridas num contexto mais amplo das ciências oitocentistas. No século XIX, estavam em voga as idéias neo-hipocráticas, que relacionavam as condições ambientais com o estado de salubridade/insalubridade dos lugares e com a saúde da população. Para o grego Hipócrates (460 - 377 a.C.), “os costumes de um povo, seu temperamento e suas doenças mais freqüentes seriam fenômenos relacionados aos climas, ao sistema alimentar, à qualidade da água ingerida, ao tipo de moradia, etc”.⁹ Enformados por essas idéias, além de outras concernentes aos seus tempos, Simoni e Mártires escreveram suas obras.

Como já dito, tanto o *Tratado Médico* quanto a *Memoria Chorografica* eram textos amplos, que abordavam muitas outras questões. Porém, trataremos aqui daqueles pontos onde

podemos notar a existência de uma conexão que seus autores fizeram entre a doença/saúde, a natureza e a sociedade.

Podemos começar apresentando as observações destes sobre os ares da província. Mártires dizia que a Ilha de Moçambique vivia uma posição ambígua, pois tem um dos melhores portos, mas o seu “pestífero clima e a esterilidade do seu terreno” fazem daquele espaço um lugar de “pouca, ou nenhuma importância”. Para o frei, parte do problema vinha da baixa da maré:

em quase toda a circunferência da ilha é o mar tão baixo, que na retirada da maré fica um grande espaço de terreno descoberto todo cheio de imundices, que na ardente força do sol lançam os mais pertíferos aromas e fazem a cidade uma vizinhança bem desagradável: talvez seja esta uma das causas principais das muitas moléstias e doenças que sofrem os habitantes da mesma cidade, principalmente porque não é raro verem-se corpos de muitos cafres, que morrem pelas feitorias boiando em cima da água, e ficarem depois em seco junto as praias da cidade, ou andarem rolando entre areia e as vagas da maré. Eu mesmo tenho sido muitas vezes testemunha ocular desta miserável, e indecente luta entre os cadáveres e a maré, e as áreas ou as rochas.¹⁰

Simoni também fala desta prática e registra uma iniciativa do governo no que se referiu ao “aceio da Cidade”. No continente fronteiriço à Ilha, os escravos defuntos deveriam ser enterrados, “havendo rigorosas penas para quem se arbitrasse como dantes a lançar os cadáveres destes infelizes ao mar que os levava a apodrecer nas praias”. Ainda nesse contexto das “exalações pútridas”, o médico igualmente fala da “quantidade de imundices” que se juntam na Ilha no tempo do comércio de escravos, entre os meses de julho até fevereiro. Como uma grande parte dos cativos adoecia antes de embarcar, “acometidos ordinariamente da disenteria”, a sujeira e o fedor espalhavam-se por toda parte.¹¹

A natureza dos terrenos de Moçambique também interferiam diretamente na salubridade/insalubridade dos lugares. Tanto Simoni quanto Mártires chamam atenção para a presença de águas paradas, para “emanações aquosas, principalmente as dos charcos”. Essa condição era mais encontrada no continente. O frei escreve que alguns pontos às margens do Zambeze, um importante rio da região, eram terrenos baixos e propensos à estagnação das águas. Além disso, a existência de parasitas e insetos envolvidos no processo de putrefação deixava a situação mais crítica. Aliás, para Mártires, a vila de Sena, que havia sido a capital do governo subalterno até 1767, foi instalada numa localidade pouco apropriada: por causa das cheias do rio (Zambeze), a “mesma vila é o lugar mais úmido, e doentio do seu respectivo distrito, o que facilmente podia se evitar, se a tivessem fundado em alguma das colinas, que lhe ficam a pouca distância”.¹²

As qualidades meteorológicas são igualmente observadas pelos autores. Os ventos tinham grande influência na saúde/doença da população. Uma das suas funções era afastar os “miasmas” parados sobre os lugares, dissipando as “exalações do ar”. Entretanto, a direção dos ventos era um fator a ser considerado: os terrais da África Oriental eram tidos por não-sadios por se acreditar que traziam enfermidades do continente. Simoni advertia que “os ventos terrais úmidos são os mais perigosos em Moçambique, por isso não é muito saudável dormir ao ar depois da meia noite e sair de manhã cedo, tempo este em que eles sopram”.¹³

As chuvas também ajudavam a deixar o clima da província “demasiado doentio”, particularmente entre dezembro e fim de março, ou meio de abril.¹⁴ O médico afirma que em situações onde se passaram de 6 a 8 meses sem chuva, embora o calor e a secura do tempo fossem excessivos, o número de enfermidades era bem menor do que em outras épocas, assim como a sua gravidade.¹⁵

Assim, a partir desses elementos, tanto Simoni quanto Mártires fazem uma lista classificatória de lugares que são mais e menos saudáveis na província. Para o médico, era este o ranking:

a cidade de Moçambique é assaz mais sadia, do que as vilas de Sena, Quelimane e Sofala ainda que situada mais perto do equador. E as ilhas de Cabo Delgado, 8 graus ao norte de Moçambique, passam por ainda mais saudáveis, estas diferenças não procedem certamente senão da qualidade dos terrenos, e dos ventos que ali reinam. Com efeito, a capitania dos Rios de Sena esta situada as cordas de um rio charcoso cheia de animais que nele morrem e apodrecem e num lugar pouco ventilado. E a umidade grande de Quilimane se conhece facilmente pelo grande número de pequenos insetos de que é infestado. A viração diária que raras vezes falta em Moçambique diminui de muito o numero das moléstias que sem ela ali reinariam e isto não só modificando o calor, mas dissipando os vapores que exala a terra queimada pelos raios solares.¹⁶

A lista de Mártires diverge um pouco da feita pelo médico porque o frei incluiu apreciações sobre as produções naturais de cada território. Assim, qualifica a Ilha de Moçambique como um dos lugares “mais pestífero” (ao lado de Sena e Quelimane) porque, além de avaliá-la como tendo um “clima insalubre”, considerou a região estéril e pobre, porque não havia “nem gado, nem ouro, nem marfim, nem abada, nem outro algum gênero de comércio possui. Apenas tem alguns mantimentos, que como fica dito em seu lugar, chegam para três ou quatro meses”.¹⁷

Como se pode notar, a ingestão de alimentos era um dos elementos considerados para se pensar a saúde da população moçambicana. Junto com os remédios, a ação da alimentação auxiliava no restabelecimento dos indivíduos, assim como atuava na prevenção de enfermidades.¹⁸ Eugénia Rodrigues, num estudo sobre alimentação e saúde em Moçambique, em que também estuda o *Tratado Médico*, explica que Simoni rotulou os produtos alimentares consumidos na África Oriental “como benéficos ou danosos, consoante a sua adequação à força vital dos órgãos”. Segundo a autora,

essa classificação implicava considerar os alimentos, por um lado, em si mesmos e, por outro, em relação com as características do organismo e do meio em que ele vivia. Uma dieta saudável definia-se, então, pela ingestão de comida de boa qualidade e em quantidade suficiente, sendo esta determinada pela apreciação das circunstâncias do indivíduo: constituição, temperamento, estado de saúde, estilo de vida e apetite.¹⁹

Sobre a qualidade dos alimentos em Moçambique, o frei e o médico têm opiniões semelhantes quanto à ineficiência destes. Mártires, num trecho da *Memoria Chorografica* em que aproveita para alfinetar Simoni, escreve que na enfermaria do Hospital Real a questão da alimentação dos doentes era problemática: “conquanto ao tratamento da boca dos enfermos nada pode dizer-se; é ele medido pela caridade dos enfermeiros, do administrador do hospital, e da vigilância e zelo dos governadores. Algumas vezes tenho assistido a hora que levavam o comer aos enfermos, e não saí muito edificado do aceio, limpeza e suficiência da comida”.²⁰

O consumo de bebidas, assim como o benefício e malefício de algumas delas, foram observados com mais detalhes por Simoni. Ele escreveu sobre a qualidade das águas de cisternas e de poços, sobre a ingestão de vinhos (“tintos preferíveis aos brancos”) e da aguardente (alega que é uma bebida de afeta a digestão, diferentemente do vinho), sobre o uso que a população fazia da água-de-coco, do chá e café, e sobre o consumo de uma bebida local, a sura (um tipo de suco que poderia ser extraído do caju ou de palmeiras; a sura era empregada para fazer leveduras, vinagre e aguardente).²¹ Simoni posicionou-se em defesa da ingestão do vinho, considerando esta bebida um importante instrumento de prevenção de febres. Fazendo uma experiência consigo mesmo, o médico, abstêmio por 12 anos, passou a beber diariamente dois copos da bebida em questão. A conclusão que chegou é que o vinho tinha um efeito benéfico sobre “as forças” do estômago, deixando a “digestão mais ativa possível”.²²

Simoni lembra que além da questão nutricional dos alimentos e da higiene, era preciso considerar o processo de digestão. Para o médico:

em Moçambique geralmente a digestão é muito vagarosa por causa da atividade vital em que sempre existe a cútis conservada num estado de continuado estímulo pelo calor do clima, o que diminui a vitalidade dos órgãos centrais, e por consequência a força do estômago. Por isso geralmente convém um alimento ligeiro, e de fácil digestão, e o arroz prova muito [sic] bem quando é acompanhado com outra substância que subministre facilmente um dos materiais nutritícios que lhe falta...²³

Ao longo das observações do médico é possível encontrar constantemente a idéia de que a prevenção das enfermidades consiste em “evitar ou diminuir as causas que as podem produzir”. Ele fala de uma “educação dos órgãos”, apontando para as questões como a importância da higiene, da temperança e da frugalidade, ou seja, ações que ajudariam o corpo a resistir “à multidão das causas morbíficas que tendem a destruição da vida”.²⁴

Ainda que não tenhamos apresentado cada detalhe explorado pelo frei e o médico no que se referiu a influência do clima e dos costumes na saúde da população de Moçambique, acreditamos ter destacado que esses indivíduos partilhavam da idéia de que as condições ambientais e os comportamentos sociais interferiam no estado geral da saúde. Simoni e Mártires ao tecerem seus comentários sobre o dia-a-dia dos habitantes, falando da “pobreza”, da “má alimentação”, da “falta de moral”, entre outros aspectos por eles observados, acabaram revelando detalhes cotidianos de homens e mulheres que habitavam a província.

“... Para dar a cada um, o que lhe pertence como próprio”

Com esta afirmação, o frei Bartolomeu dos Mártires abre uma das sessões da sua *Memoria Chorografica* quando aborda a questão do “Caráter do povo, religião, usos e costumes”. Tal assertiva insere-se no trecho citado abaixo:

sendo a população de Moçambique, composta de muitas e diferentes (sic) nações, como já disse, é necessário, que o caráter, religião, usos e costumes deste povo sigam a marcha dos indivíduos que a compõem. Reinóis, asiáticos, africanos. É aqui a divisão geral em que os devemos primeiramente distinguir, para dar a cada um, o que lhe pertence como próprio. Chamo de Reinóis a todos os portugueses filhos de Portugal, e do Brasil, e famílias, que descendem deles; Asiáticos chamo a todos os filhos da Índia, que distinguirei em cristãos, maometanos, e sectários de Brama, e de Vasní; Africanos, são todos os indígenas, incluída a 3ª. Raça proveniente destes, ou dos mouros.²⁵

É interessante observar a forma como Mártires e Simoni escolheram caracterizar a população que vivia na província de Moçambique. Embora carregados de juízos de valores, seus escritos mostram uma sociedade heterogênea, composta por indivíduos procedentes de diferentes lugares, seguidores de distintas religiões e com variados costumes.

Começaremos pelos escritos do frei e a sua divisão geral entre reinóis, asiáticos e africanos. Como já mencionado, os reinóis de Moçambique eram os “portugueses filhos de Portugal e do Brasil, e famílias que descendem deles”. Num primeiro momento o frei diz que a maior parte deles era cristão, compartilhando dos costumes europeus em relação as comidas, bebidas, vestuários e “caráter”. Porém, aos poucos, argumenta que muitas mudanças ocorreram na província desde a chegada dos colonizadores lusos. A religião católica, por exemplo, já não era observada como antes, mas “não pelos habitantes negarem os seus dogmas, mas pelos ignorarem”. Mártires entendia haver uma “escandalosa relaxação da lei de Deus, e dos preceitos da Igreja”, resultando numa “grande imoralidade de seus costumes”. Um dos motivos apontados pelo religioso para essa situação era “mistura” que envolvia cristãos com mouros e gentios. Do mesmo modo, avaliava que o tipo de reinol que ia para Moçambique já trazia consigo uma pré-disposição para não seguir os preceitos católicos. Uma porque eram indivíduos “degradados de virtudes” e outra por que vinham com a idéia “fazer fortuna e amontuar grandes riquezas” a todo custo. Em razão disso, concluía, “a consciência, e a mesma religião são logo sufocadas, para não embaraçarem seus projetos”.²⁶

Além da corrupção de alguns costumes entre os reinóis, o frei menciona a questão da língua. Ele diz que muitas famílias fazem o uso do “idioma da nação Macua” e aponta duas razões: a primeira é porque boa parte dos indivíduos foram criados entre africanos desse grupo e a segunda é que havia o desejo de empreender com esses africanos o comércio de escravos. Nesse sentido, falar a mesma língua era um ponto a favor.²⁷

Os asiáticos que viviam na província também foram “apresentados” pelo frei. Ele observa que existiam alguns com uma vida abastada e outros mais simples. Entretanto, “a indolência, moleza, e mais vícios” faziam parte do cotidiano de todos eles. No que se referia à alimentação, destacava o gosto desses indivíduos pelo paladar picante e o uso de muitas especiarias (cardamomo, gengibre, cravo, canela, açafraão, por exemplo) e conservas. A ingestão contínua de chás era igualmente salientada pelo frei.²⁸

Em relação aos africanos, Mártires faz a distinção de dois grupos: aquele que considera os “negros gentios” e os africanos convertidos ao islamismo, ou seja, os mouros. Entretanto, o frei destaca não haver grandes diferenças entre eles, a não ser a religião. Diz que todos têm o “mesmo caráter, os mesmos costumes e as mesmas inclinações”. Em relação aos “mouros”, destaca a fervorosa observação dos seus preceitos religiosos, qualidade que não encontra entre os cristãos reinóis, “vista a miserável e escandalosa relaxação com quem vivem os católicos nestas terras”.²⁹

Sobre os “negros gentios”, os naturais do país, as observações do frei são fortemente marcada por seu olhar etnocêntrico, carregados de juízo de valor:

vivem a maneira dos brutos, sem amor sem fidelidade um aos outros; sempre propensos ao roubo, cruéis para suas mulheres e filhos, que muitas vezes vendem por um trapo para se cobrirem, ou por um pouco de água ardente, com que se embriagam.[...] O seu vestuário é uma inteira e perfeita nudez; a sua comida, não passa de milho cozido, e alguma caça que apanham no mato. [...] São imundos, indolentes, perniciosos apaixonados por extremo de bebidas embriagantes, lascivos no último ponto, sem o menor estímulo de honra, e sem conhecimento algum de boa moral.³⁰

O que se nota é que o olhar dos europeus para o “outro” africano foi edificado a partir dos “filtros” eurocêtricos. No processo de construção de uma alteridade, o africano e a sua terra, foram desqualificados por não seguirem um padrão europeu. Nos textos do frei, do médico e da maior parte daqueles que escreveram sobre Moçambique, a imagem que se tem da África Oriental, e sobretudo dos africanos, é de um lugar de pessoas avessas ao trabalho, que não se alimentam bem (em relação aos padrões europeus), que não sabem usar armas e lutar como os europeus, que não se vestem e habitam como europeus e que praticam religiões aparentemente fragmentadas e desprovidas de lógica interna, quando olhadas por valores exclusivamente cristãos.

Por entre esses filtros e visões de mundo do frei Bartolomeu dos Mártires é possível conhecer alguns elementos da organização política, da orientação religiosa, das práticas econômicas e culturais africanas, além muitos outros aspectos cotidianos. Em relação aos matrimônios, por exemplo, o autor falou sobre a poligamia e explicou a importância de se ter o maior número de mulheres: “são elas que cultivam a terra, tiram o ouro, preparam e aprontam a comida e o sustento dos maridos, sendo o único exercício destes a caça e a guerra”. Sobre as formas de ornamentar o corpo, o frei escreveu sobre o uso de determinados produtos para untar o corpo, o recurso às cicatrizes nos rostos, sobre furos nos lábios, a hierarquia existente que permitia, ou proibia, o emprego de determinados objetos, além dos enfeites utilizados pelas mulheres.³¹ Sobre o enterro dos mortos, o frei registrou: “enterram seus mortos, e com eles as armas de que usaram na guerra, e alguns mantimentos, por onde dão a conhecer que ainda podem ter alguma precisão destas (sic) coisas depois da morte. Mas não se fazem qualidade alguma de sufrágio além das costumadas choradeiras e gritarias nos enterros, que no fim acabam sempre com uma dança e bebedeira”.³²

Sobre como faziam a distribuição da terra, os símbolos de distinção de poder dos soberanos africanos e como era a sucessão do trono, Mártires fez a seguinte anotação:

Não há entre eles partilha ou divisão de terras em propriedade particular, mas cada um vai cultivar aquela parte, que bem lhe parece, e só conserva a propriedade enquanto nela está o fruto que plantou ou a cerca que lhe fez. O gado doméstico é próprio de cada um, mas os pastos são comuns a todos. O território da nação é uma propriedade nacional, e sobre os seus limites, tem muitas vezes guerras e contendas fortíssimas. O rei é rico como qualquer de seus vassallos, e distingue se deles, em ter muitas mulheres, [...] armas mais limpas, grandes penachos, e uma palhota (casa) maior. Mas os seus vassallos não se chegam a ele senão de rastos, e jamais olham para ele, senão com o mais profundo respeito. O trono é hereditário em todos os reinos e impérios cafreanos, mas nem sempre os filhos sucedem a seus pais; algumas vezes sucede que os parentes mais remotos, e ainda mesmo estranhos, usurpam esta herança fundados unicamente no direito da força, se notam que o seu partido é mais forte que o do herdeiro legítimo. E neste caso, tem este desgraçado certa perda da vida, ou da liberdade.³³

Luís Vicente de Simoni vai além das observações gerais do frei sobre a população africana. O médico explica que os indivíduos “pertencentes à raça Negra Etiópica” encontravam-se divididos em “várias nações”, “cada uma das quais com seus caracteres particulares, físicos e morais, assim como sinais distintivos artificiais, impressos na pele por meio de corte, ou de caustico, que deixam na mesma umas cicatrizes perpétuas”.³⁴

Embora o número das nações fosse grande, ele distingue 4 grupos: “Macua, Mujao, Maravios (Maraves) e Inhambane”. Em determinado trecho do Tratado Médico, Simoni acaba especificando algumas características e traços físicos de cada uma dessas nações. Os Macuas eram, para o médico, um dos grupos que mais resistiam às enfermidades e ao trabalho pesado, sendo mais atléticos e “ferozes”. Eram considerados “geralmente mais baixos” e o sinal (as cicatrizes) no rosto que os distinguiam era o desenho de um “ferro de cavalo virado em baixo na testa”.³⁵

Os Mujaos foram descritos em comparação com os Macuas. Tidos por mais altos, “de formas menos toscas”, de pele mais macia e menos corada, “mais brandos de espírito, e mais moles de corpo”. Os sinais utilizados pelos Mujaos poderiam ser variados: a) o desenho de “três ramos perpendiculares com folhas opostas, e ovais na testa”, b) a existência de “uma ou duas estrelas impressas na mesma parte”, c) ou ainda, “uma grande cicatriz levantada a modo de um S no ventre”.³⁶

Segundo Simoni, os Maraves não eram muito diferentes dos Mujaos, porém os considerou “um tanto mais altos e robustos”. Cortes que se cruzavam, formando desenhos como xadrez, eram empregados para ornamentar os corpos dessa nação. Estrelas também eram feitas, não só na testa ou nas faces, mas poderiam estar por todo o corpo. Já os Inhambanes, descritos como “altos e fortes”, tinham “formas arredondadas”, o que, na ótica do médico, os tornava “inferiores aos Macuas e Maravios”. A cicatriz que identificava os Inhambanes eram pontos “granulares que desciam diretamente do meio da parte superior da testa até a ponta do nariz”.³⁷

Muitas outras questões foram oferecidas por Simoni e Mártires sobre as características e hábitos da população moçambicana. Cada um deles, dentro do seu propósito específico, trouxe elementos que nos permitiram refletir sobre duas questões. Como já dito, procuramos apresentar as observações de dois indivíduos sobre a influência do clima e dos costumes na saúde dos habitantes da África Oriental. Seus escritos estavam inseridos no contexto das primeiras décadas do século XIX, período em que encontrava-se em voga idéias neo-hipocráticas, que relacionavam as condições ambientais com o estado de salubridade/insalubridade dos lugares e com a saúde da população. Outros fatores, como a alimentação, a pobreza, a falta de moral, também compunham um quadro em que as enfermidades eram percebidas como um fenômeno social. Em grande medida, tanto o frei quanto o médico, encaminharam seus escritos nessas direções.

Por outro lado, o estudo da *Memoria Chorografica* e do *Tratado Médico* também permitiu um melhor conhecimento da sociedade moçambicana do início do oitocentos. A contextualização das visões de mundo do médico e do frei possibilitaram obter mais informações sobre práticas cotidianas, como os hábitos alimentares, o uso de vestimentas, a realização de atividades de lazer, entre outras. Do mesmo modo, os detalhes trazidos por ambos autores revelaram uma sociedade heterogênea, composta por indivíduos vindos de diferentes lugares, com diferentes religiões e costumes. E o mais relevante nesse aspecto refere-se ao tratamento dado aos africanos, que até boa parte do século XVIII eram vistos como um bloco homogêneo. Nesse sentido, a frase do frei Bartolomeu dos Mártires, “para dar a cada um, o que lhe pertence como próprio”, foi muito perspicaz e de grande valor, permitindo ao interessado em conhecer a história de Moçambique o exercício de particularizar características daquela sociedade nas primeiras décadas do século XIX.

Fontes

MÁRTIRES, Frei Bartolomeu dos. *Memoria Chorografica da Provincia ou Capitania de Mossambique na Costa d’Africa Oriental conforme o estado em que se encontrava no anno de 1822, 1823*. Arquivo Histórico de Moçambique, SE a III P 9, n. 216 a (Cópia do original do Arquivo da Casa Candaval, cód. 826 (M VI 32). (Documento cedido pela Dra. Eugénia Rodrigues).

SIMONI, Luís Vicente de. *Tratado Médico sobre Clima e Enfermidades de Moçambique, 1821*. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Sessão de Manuscritos, código I-26-18-22. (Documento cedido pela Dra. Eugénia Rodrigues).

Referências Bibliográficas

COSTA, Maria Clélia Lustosa. A cidade e o pensamento médico: uma leitura do espaço urbano. *Mercator* : Revista de Geografia da Universidade Federal do Ceará, ano 01, número 02, 2002, p. 61-69.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. *Teorias médicas e gestão urbana: a seca de 1877-79 em Fortaleza*. História, Ciências, Saúde : Manguinhos, vol. 11(1) jan.-abr. 2004, p. 57-74.

KURY, Lorelai. Más influências: o clima tropical e o Brasil. Com Ciência : *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=26&id=297&print=true>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

LOPES, Maria de Jesus dos Mártires (Coord.). *Nova História da Expansão Portuguesa. O Império Oriental, 1660-1820* (volume V, tomo 2). Lisboa: Editorial Estampa, 2006.

NEWITT, Malyn. *História de Moçambique*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997.

PORTELLA, José Roberto Braga. *Descrições, Memórias, Notícias e Relações – administração e ciência na construção de um padrão textual iluminista sobre Moçambique, na segunda metade do século XVIII*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

RODRIGUES, Eugénia. *Portugueses e africanos nos Rios de Sena. Os Prazos da Coroa nos séculos XVII e XVIII*. Tese (Doutorado em História). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

RODRIGUES, Eugénia. Alimentação, Saúde e Império: o físico-mor Luís Vicente de Simoni e a nutrição dos moçambicanos. *Arquipélago-História*, 2ª. Série, IX – X. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2005-2006. p. 621-660. (Separata).

SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 261-289.

SIGAUD, José Francisco Xavier. *Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste império*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

SILVA, Evaneide Araújo da. O realismo popular de Histoire de Gil Blas de Santillane. *Revista Travessias* : Educação, Cultura, Linguagem e Artes da Unioeste, n. 3, 2008, p. 1-7. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_003/cultura/O%20REALISMO%20POPULAR.pdf> Acesso em: 06. jun. 2011.

WAGNER, Ana Paula. *População no Império Português: recenseamentos na África Oriental Portuguesa na segunda metade do século XVIII*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

¹ CEDOPE/UFPR.

² SIMONI, Luís Vicente de. *Tratado Médico sobre Clima e Enfermidades de Moçambique*, 1821, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Sessão de Manuscritos, código I-26-18-22.

³ MÁRTIRES, Frei Bartolomeu dos. *Memoria Chorografica da Provincia ou Capitania de Mossambique na Costa d'África Oriental conforme o estado em que se encontrava no anno de 1822, 1823*, Arquivo Histórico de Moçambique, SE a III P 9, n. 216 a.

⁴ PORTELLA, 2006, p. 54-55.

⁵ RODRIGUES, 2005-2006, p. 622.

⁶ MÁRTIRES, fl. 12-13.

⁷ SILVA, 2008, p. 5.

⁸ SIMONI, fl. 47v, 50 e 54.

⁹ KURY, [2011], s/p.

¹⁰ MÁRTIRES, fl. 1 e 4.

¹¹ SIMONI, fl. 184-184v.

¹² MÁRTIRES, fl. 41 e 106.

¹³ SIMONI, fl. 188.

¹⁴ MÁRTIRES, fl. 39.

¹⁵ SIMONI, fl. 35v.

¹⁶ SIMONI, fl. 225v e 226.

¹⁷ MÁRTIRES, fl. 127.

¹⁸ SIMONI, fl. 74v.

¹⁹ RODRIGUES, 2005-2006, p. 629.

²⁰ MÁRTIRES, fl. 12-13.

²¹ SIMONI, fl. 195-205v.

²² SIMONI, fl. 196v.

²³ SIMONI, fl. 112v.

²⁴ SIMONI, fl. 141-141v.

²⁵ MÁRTIRES, fl. 25-26.

²⁶ Idem.

²⁷ MÁRTIRES, fl. 26-27.

²⁸ MÁRTIRES, fl. 29.

²⁹ MÁRTIRES, fl. 32-33.

³⁰ MÁRTIRES, 33-34.

³¹ MÁRTIRES, fl. 113-114.

³² MÁRTIRES, fl. 115.

³³ MÁRTIRES, fl. 117.

³⁴ SIMONI, fl. 40v.

³⁵ SIMONI, fl. 40v, 41 e 41v.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.